

À sombra do imponderável

WILSON FIGUEIREDO

Exemplo didático de candidatura natural é a de Fernando Henrique à reeleição. Tinha tudo de sua parte, mas faltava a parte dela. O presidente é candidato à reeleição por obviedade e tem exclusividade por ser o único que pode, literalmente, reeleger-se. O pré-requisito para reeleger-se é estar eleito. É o caso dele. O resto é formalidade.

Qualquer outro para disputar a reeleição teria primeiro de se eger. Sendo em 98 a estréia da reeleição no Brasil, quem se apresentar com direito ao título — e só há um — leva vantagem. Quem tiver passado pelo cargo (de um jeito ou de outro) não está livre das variações do mercado e só pode eger-se. Especificamente, José Sarney e Itamar Franco. Teriam de se contentar com o prêmio menor. Reelection é para o bico de FH.

Graças à semântica, a reeleição se tornou o grande trunfo político do presidente. A opinião pública foi convincente na demonstração geral em favor da reeleição, dando a entender que o cidadão reservará sua preferência para o candidato que preencher o requisito, e não para um que possa no máximo ser eleito. A reeleição veio para ser utilizada, e não para constar. Quanto mais pretendentes houver, melhor para o único que pode, ao pé da letra, ser reeleito.

Quanto à eleição propriamente dita, está confiada também aos cuidados do imponderável, para ser digna do nome. Reelection para um e eleição para os demais. FH tem a possibilidade de escolher com antecedência o competidor em quem deverá investir, pelo retorno proporcionado em rendimento político. Não havendo por enquanto muitos nomes a examinar, terá de lidar com os que

gravitam no noticiário e acautelam-se contra surpresas que são para todos que andam por aí, ele inclusive. Há sempre um inimigo oculto, que não se escolhe por sorteio.

Em política, a distância que separa o amigo e o inimigo é pequena e tanto facilita quanto dificulta relações pessoais com eles. Daí a preferência pelo tratamento de adversário político a quem, muitas vezes, é inimigo mesmo. A definição de adversário designa pessoa contrária a outra e que procura fazer valer as suas opiniões mas sem desejar-lhe mal. É assim que os políticos se tratam pela frente ou na frente da televisão quando está em jogo um lugar no qual só cabe um deles. Pelas costas, passam a inimigos. Quando é debate de idéias, a palavra indicada para designar políticos em campos opostos é antagonista, de preferência em campos de esporte ou em divergência literária. É aí aliás que ficariam bem FH e José Sarney.

Já em Itamar Franco não teria Fernando Henrique um antagonista mas um competidor com quem disputaria nas urnas a paternidade do Real, que em vez de uni-los os separou politicamente. Há ainda a figura do concorrente, mas é genérico demais. Numa eleição todos são concorrentes. Itamar ajusta-se com elegância à condição de contendor, pouco utilizada em política mas recomendável por manter com FH a disputa genética em torno do Real. Êmulo é pouco para candidato porque, partindo do reconhecimento de uma inferioridade qualquer, faz por igualar o outro. E, sendo igual, quer sobrepujar o outro por meios honestos, embora em política essa exigência seja secundária.

Inimigos odeiam-se reciprocamente e, tendo condições, procuram fazer-se mal na

medida do possível ou mesmo se destroem. Irreconciliáveis, de preferência. Rival é a palavra certa em disputa amorosa, que não é o caso brasileiro. Como fazer amigos e influenciar pessoas é o título de um livro que vendeu milhões mas se sente a falta de outro, com menor círculo de leitores, para ensinar como se escolhe adversário político e se influencia o eleitor. Adversário deve ser selecionado pelo rendimento que proporciona em votos. Feliz do candidato que pode contar com um adversário com elevado índice de rejeição.

Na véspera da batalha na Câmara, Fernando Henrique ficou tentado a fixar-se em Paulo Maluf como inimigo rentável. Rejeição tão alta beira o sobrenatural e se torna irresistível ao adversário. Lula é outro: elegeu Fernando Collor sem saber que a taxa de rejeição ajudou o outro. Mas tem proteção ideológica. Se FH escolhesse Maluf como destaque à direita, estaria calculando certo e teoricamente ficaria com a esquerda à disposição eleitoral. É o que ele pediria a Deus para a reeleição. Mas com Lula no papel de contendor principal o efeito seria oposto: oficializaria sua candidatura pela direita.

Quando chegar a hora de bancar o adversário, FH terá de optar. Na véspera da batalha na Câmara, ficou tentado a aplicar sua preferência em Paulo Maluf mas resistiu à ideia de que iria se recompor com o eleitorado de esquerda, tão cabisbaixo. Abriria mão dele todinho para a direita. Teria porém risco deixar Maluf trabalhar pela direita, se não fosse capaz de convencer o pessoal de esquerda com os dados do seu governo: abriria à esquerda espaço para outro candidato nem sempre previsível.